

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. WTD 46

setembro
Dia 24 de outubro de 1968

Pe. João Calleri parte de Boa Vista, Território Federal de Roraima, pelo avião da Cruzeiro do Sul, para iniciar o trabalho de pacificação do Alalaú, com poderes delegados da FUNAI, conforme Ato nº 2 de 6.8.1968 - .

Na noite anterior é entrevistado pelo Rádio Roraima e descreve o plano de pacificação a ser realizado no Rio Alalaú, onde o trabalho se desenvolve com seguintes etapas: 1º) Sobrevôo das malocas com lançamento de presentes, aonde teria contacto com os índios.

2º) Acampamento numa ilha do Rio Alalaú pré-escolhida aonde teria contacto em terreno neutro com os índios.

3º) Afastamento da zona indígena para montar o acampamento definitivo rumo as nascentes do Rio Alalaú, na região aonde mais tarde seriam localizados definitivamente os índios. O Padre espera de ser acompanhado nesta viagem por alguns índios amigos e de ser visitado posteriormente por outros representantes dos grupos indígenas.

4º) Derrubado o mato e realizadas as plantações, iniciar o trabalho de contacto direto com os índios nas malocas entre os Rio Alalaú e Sto. Antônio . - O Padre não prevê de forma alguma a possibilidade de uma expedição preliminar pelo Rio Sto. Antônio .

Dia 8 de outubro de 1968

O Padre João Calleri apresenta-se oficialmente na sede da FUNAI com a presença do Cel Carijó e do Cap. Alfredo Alexandre de Souza, com a participação da Imprensa local, descrevendo o Plano modificado, onde se propõe uma expedição preliminar de contacto direto com os índios Atroáris, no Igarapé Sto. Antônio, antes de iniciar o trabalho definitivo aprovado pela FUNAI, no Rio Alalad.

O Dr. Altamiro Veríssimo da Silveira, chefe do DNER, nega-se a tomar parte na entrevista e não comparece.

A modificação é contrária a toda a filosofia de trabalho do Padre.

O DNER tomou conhecimento da modificação do plano no dia 6 de outubro. A Prelazia no dia 5 de outubro, na pessoa de Padre Silvano Sabatini que havia chegado a cidade de Manaus. A modificação já esteve consumada. Desaconselhado a realizar o projeto preliminar pelo Igarapé Sto. Antônio, o Padre ficou chocado, mas não aceitou a sugestão, nem explicou as razões que o levaram a modificar o Plano.

Dia 14 de outubro de 1968

Inicia transporte de homens e material para São Gabriel que termina dia 15, quando também o Padre embarca.

O Padre prometeu as famílias que dia 28 estariam de volta.

Da. Rosária - Dia 14 seguiram do último acampamento do DER-AM - . Todos os dias falava com ele a noite. Diz que a viagem era perigosa e cansativa.

O Padre diz que poderá contar com a cobertura aérea durante a operação, por meio de helicóptero do DER-AM que permanecera em São Gabriel, ou no acampamento do DER-AM no Igarapé Sto. Antônio.

O transporte de Manaus até São Gabriel (160 kms.) é realizado de avião alugado. De São Gabriel até o acampamento do DER-AM no Igarapé Santo Antônio com o helicóptero do DER-AM.

A rádiofonía de São Gabriel do DER-AM ficará dando cobertura ao Padre Calleri, mesmo ao serem retirados os homens da estrada.

Rádio operador de Manaus - José Raimundo.

Recebeu todas as mensagens do Padre, menos a última, recebida pelo Sr. Claro e da qual ele próprio pediu confirmação a noite, corrigindo alguns pontos e falhas. Não lembra de ter jamais falado com o Padre de manhã depois do dia 22 - . Da. Rosária falou de manhã como marido só quando o rádio-ponte estava em São Gabriel e no acampamento do DER-AM em Sto. Antônio, aonde os expedicionários esperavam o Padre Calleri que tinha voltado a Manaus.

Dia 22 de outubro até dia 23 de outubro de 68

Padre Calleri - Mensagem nº 1 - Dia 22 - .

Deixa de manhã o acampamento do DER-AM e de tarde o da Transcon. As equipes de trabalho da estrada se retiram. Acampam na margem do Rio Alalaá, digo Abonari, ou Sto. Antônio.

Mensagem nº 2 - Dia 23

A dificuldade de navegação aconselha a deixar parte da expedição no local aonde acamparam. O Padre com alguns companheiros alcançam a maloca queimada às 11,30 . Na tarde o restante dos homens com o relativo equipamento é transferido até a maloca queimada, aonde se principia um caminho dos índios. Encontram 8 ubás amarradas no posto. Monta-se o acampamento base da expedição a margem direita do rio.

Testemunha nº 4 .

Na maloca queimada dormiram enfrente ao varadouro onde havia ubás.

Dia 24 de outubro

Mensagem nº 3

Na noite anterior foram dados tiros de espingarda para alertar os possíveis índios presentes (normalmente esta maloca está desabitada). De manhã foram dados mais 4 tiros de espingarda. Os índios (acostumados/ na região a serem alertados da presença de brancos por tiros que não são considerados sinal de agressividade por eles) não deram sinal de presença.

As 11,15 5 homens, 1 mulher e o Padre Calleri navegam pelo rio, percorrendo até a noite aproximadamente 38 Kms. Viagem difícil, aonde um chavascal no fim torna problemática a mesma, dificultando o avanço. Acampam no chavascal.

Madre Ugolina - Mensagem das 21,15 - .

Falam com o Padre Calleri. Perguntam-lhe se havia perigo.

Responde : - em todo parte.

Rádionista do DER-AM em Manaus .

Falou o Alvaro uma só vez pela fonia com Madre Ugolina.

Não sei precisar o dia(4 - 2º - 1) .

Tem certeza absoluta que o Padre na mensagem falou em 5 homens, 1 mulher saídos às , 11,15 - . Não pode ser fruto de erro de transcrição, porque Padre Calleri era muito minucioso e teria corrigido se houvesse qualquer equívoco nos números.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

6
H

Dia 25 de outubro

Mensagem do Padre João Callari - nº 4

hs.17,25 - Continua a navegação difícil no chavascal debaixo de chuvas violentas até chegarem, na parte da tarde a uns 1.000 metros da maloca da Esperança. O Padre elogia a indomável vontade de vencer da equipe. Embora podendo alcançar a maloca, o Padre julga conveniente aguardar o dia seguinte. Avisa que não tem certeza de transmitir no dia seguinte, por ter receio que a instalação do equipamento provoque reações desfavoráveis dos índios. Não fala de tiros de espingarda.

Da. Rosária - 5,5 - 1º - 2

Observação: Da. Rosária faz confusão de datas.

No dia 26 (a noite, falei com meu marido pela fonia do ~~DER-AM~~ e) o João me avisou que no dia seguinte iriam chegar a maloca lá em volta das 9,30 ou 10,00 hs. e que eu aguardasse no DER-AM. Mas o operador desaconselhou a vir na parte da manhã.

Disse na oportunidade que tinham passado a noite no chavascal e haviam cortado tranqueiras de paus. O Aragão, a Marina, ele (João) e Pe. Calleri, que iam seguindo até chegar a maloca, pois o restante da expedição, ficara no acampamento aí atrás. O Alvaro não tinha ido e o esposo pediu que rezasse muito, porque ^{se} alguma coisa acontecesse, morreriam só 4 pessoas: a Marina, o Sr. Aragão, o João e Padre Calleri e o Alvaro voltaria com os outros.

Porque só no dia 23 deu esta informação? (23 de dezembro)

O médico me proibiu de ouvir rádio, ler jornais e falar do assunto por causa de minha delicada situação de gestante.

7
AA

Depois de tudo passado os vizinhos me deram uma revista onde Alvaro declara que atirou para o ar ao chegar à Maloca da Esperança e achei que não estava certo. Eu falei com o meu marido que disse que estava num chavascal e onde disse que se encontravam o Aragão, a Marina, êle e Padre Calleri.

Á L V A R O - Confirma a mensagem de Padre Calleri dizendo que viajaram 5 homens, uma mulher e o Padre. Diz que êle queria que a viagem fosse realizada pelo caminho dos índios e que o Padre quiz continuar pelo rio.

Rádionista do DER-AM em Manaus - Acamparam no chavascal numa ilhota. Não recorde se Da. Rosária falou com o marido naquela noite, porque não prestava atenção as cousas de menor importância. Duas ou três vêzes o Padre Calleri falou também com Lábrea (com o Capachão) e nêstes intervalos passava a limpo as mensagens. Não recorde que o João tenha afirmado que estavam viajando só o Aragão, Da. Marina, êle e o Padre Calleri, e que, se êles fossem massacrados, o Alvaro com os outros poderiam voltar.

Depois do desastre tudo é importante, mas antes não: é possível que tenha passado despercebido. As vêzes eu pendurava o fone no gancho e a pessoa falava ou ouvia enquanto eu fazia outro serviço. Da. Rosária poderia ter recebido esta informação enquanto eu não prestava atenção, pois era para mim sem importância.

Eu dava tôdas as devidas atenções as informações e as mensagens do Padre Calleri e não há razão para supor que as mensagens estejam erradas.

Dia 26 de outubro de 1968

Mensagem do Padre Calleri - nº 5

Comunica que estão acampados com os Atroaris da la. maloca. Chagaram às 9,00 hs. (na barranca do rio). A maloca fica escondida a 200 metros mata a dentro. Não fala de tiros de tiros de espingarda. Os índios apareceram de improviso, antes medrosos e depois oferecendo beijos e bananas, não permitindo entrar na maloca. Ao ver o carregamento do barco se agitam com gestos violentos querendo saquear. Com calma, serenidade e máximo acôrdo não é permitido. Com artefícios oportunos provoca entusiasmo na turma e os índios descarregam a canoa, transportam e ajeitam a mercadoria, limpam uma área de mata (deixando \$les escolherem), preparam um barracão. Instalam o gerador e o põem em funcionamento. Às 15 horas os índios trazem 4 panelões de bebidas e 90 índios fazem festa. Às 18 horas, e só então faz a distribuição dos presentes (Padre Calleri).

(Pelo teor da mensagem, tem-se a impressão que Padre Calleri é sistemático na aplicação dos seus princípios. No entanto o resultado aparece positivo e o número dos índios que participam da festa o confirma). O Padre Calleri aproveita da alegria para visitar a maloca onde mais de 100 redes estavam instaladas. A mensagem termina confirmando que Padre Calleri aplicará seu princípio: não favorecer as trocas e estimular o índio a colaboração, oferecendo uma compensação muito generosa.

Madre Ugolina - .

Falei com Padre Calleri 10 minutos, às 21,30 - .Ouviam-se distintamente risadas de índios, que não pareciam poucos. Capitão Marogga (o tuxaua) falou com Madre Ugolina, repetindo palavras ditadas pelo Padre Calleri.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

29
H

Depois repetiu muitas vezes: Mamãe Manaus.

Da. ROSARIA - 6 - 1º - 2

No dia seguinte chegaram a maloca e quando o rapaz da fonia aqui em Manaus (na parte da tarde) entrou no ar, o João já estava esperando e disse que tinham chegado, que parecia uma vila, e que o pavor já tinha passado, porque Padre Calleri conhece bem o assunto de lidar com os índios, principalmente com o tuxava, pois Padre Calleri está agora abraçado com ele, preparando o diário para enviar às 20,00 horas. Também Humaitá e Lábrea devem ter ouvido, porque estavam no ar. Recorde que o operador naquele dia saiu do ar às 10,30 no dia que chegaram a maloca e voltou só a tardinha.

Rádio-operador - 5,1 - 2º - 1

Os índios estavam perto do aparelho, rodeando o Padre Calleri, rindo e arremedando o Padre quando dizia alguma coisa. Disse que tudo estavam bem, mas depois demonstrou que não gostava de tratar do assunto em público (talvez por existir outras estações que poderiam ouvir).

Senhor Alvaro .

Descreve a chegada, penetração na maloca, etc. declarando de ter participado.

Da. Rosária (continuação) .

A Da. Rosária acha que João deixou recado para ela falando no dia 30 ao meio dia. Ela falou com o marido pela última vez no dia 26 . Nos dias 27, 28 e 29 não foi ao Palácio Rodoviário do DER-AM por motivo de doença e quando ao meio dia do dia 30 chegou ao DER-AM lhe informaram que João tinha deixado recado para ela, informando que Padre Calleri tinha voltado com os índios para bus-

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

10
44

car a mercadoria. Disse ainda que o rancho tinha terminado(?) e que tinha tomado muito mingau de banana (trazido pelos índios) e que não estava passando bem dos intestinos. Diz que está zangada com o Alvaro porque ele disse que o Padre Calleri não tratava bem os índios. Diz que o marido nunca mentiu para ela e sempre afirmou que tudo estava bem e que os índios eram verdadeiros amigos.

Rádio operador - 5 - 2ª - 1

Negativo. Dia 30 o João não falou. Não recorde se dia 30 ela estava lá, mas quase todos os dias ela estava lá. Talvez ela tenha dito no dia 30 o que João deu no dia 27 tanto assim que o João falou no dia 27 do encômodo com o mingau de banana.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

Dia 27 de outubro de 1968

Mensagem nº 6

A equipe de frente se divide ainda: Dois homens e 1 mulher ficam guardando o acampamento (localizado a 20⁰ metros da maloca no mato). Três homens tentarão convencer os índios para ir ver o varadouro a 45 Kms., para fazer de costas o transporte da mercadoria. A viagem serviria para localizar as malocas abandonadas.

Observação: transmitido por João às 9,00 hs.

Comunicação de João Raimundo, o operador.

No dia 2 de janeiro de 1969 o Senhor Raimundo telefonou ao Padre Silvano Sabatini, comunicando que após ter sido entrevistado, nos apontamentos de serviço de rádio-fonia encontrou uma mensagem de João, da manhã do dia 27 - no seguinte teor, aproximadamente: "- João comunica (da maloca Esperança) que às 5,00 hs. o Padre Calleri com 3 civilizados e 50 índios voltou ao acampamento base para buscar mercadoria. Termine a transmissão porque há pouca gasolina.

Madre Ugolina .

Mensagem recebida às 21,30 - curta, e transmitida pelo João.

João falou que Padre Calleri tinha saído sozinho com 50 índios para ir buscar mercadoria. João informou também que no acampamento tinham ficado ele, Marina e Aragão, e que tinha havido um defeito no aparelho por causa dum índio. Recebeu instruções para fazer para fazer ligação direta e pretendia falar pouco por medo de outro pane. Este fato e o ter ficado 3 dias sem falar influiu muito depois para que todos pensassem que era pane de fonia.

Disse que estava tudo bem com os índios e que estavam cansados, porque tinham empurrado muito a canoa. João disse que de canoa subiram só ele, o Padre, o Aragão e Marina.

E os demais?

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

12
H

Ficaram na maloca do Abonari 3a. (maloca queimada). Disse que foram em 4 porque o peso do equipamento era grande e a canoa não aguentava. A Madre diz que ao ler a mensagem, notou logo contradição entre a informação fornecida pelo João e a mensagem transmitida pelo mesmo João, logo antes de sua chegada ao DER-AM e que falou disto ao chegar em casa com a Fátima. (Madre Ugolina nunca esteve presente as comunicações feitas, mas terminada a transmissão o DER-AM telefonava que a mensagem estava pronta e podia ir buscá-la).

A Madre reafirma categoricamente de ter certeza que o João informou que subiram em 4 pelo rio até a maloca da Esperança e que o Padre voltou sózinho ao acampamento base, perto da maloca queimada.

Rádico-operador do DER-AM .

O João citou Aragão, Marina, João e o Padre, que subiram até a maloca Esperança. Isto João falou, mas, pode ter havido engano no número citado por ele. Falou também que o Padre partira às 5,00 hs. da manhã, sózinho com 50 índios.

A respeito das relações com os índios, João disse que o negócio ia muito bem, inclusive havia índio que dormia sempre em sua rede e que ia que nem cachorrinho atrás dele.

Não há razão alguma para pensar que as mensagens estejam erradas. O Padre era muito minucioso, mandando corrigir até ter a certeza que as mesmas estavam exatamente de acordo com o original. No entanto a mensagem nº 7 foi redigida pelo Padre Calleri e transmitida de noite pelo João.

13
MÁLVARO

O Álvaro declara de ter estado presente, descreve incidentes e afirma ter voltado com o Padre e os índios da maloca Esperança até a maloca queimada, narrando como índios não queriam indicar o caminho, demonstravam intenção, enquanto ouviam-se assobios na floresta, emitidos por índios que acompanhavam o grupo, escondidamente.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

14
11

Dia 31 de outubro de 1968

Mensagem nº 7

Acabamos de fazer juntamente com os índios a segunda e última viagem do transporte de material do acampamento Abonari 3º - .Declara que está usando o critério da justa recompensa. Encontra grandes dificuldades.

Julga que as flexas não voam só pelo auxílio de Deus e pelo extremo esforço de vigilância e reflexão. Impressionado está pela informação que depois de conseguir dos seringalistas e caçadores tudo o que eles tinham, estes eram massacrados. Julga que as ameaças e a ira deles é fruto de técnica finíssima e artifício para perturbar (e que ao receber generosa recompensa irão ficar satisfeitos). Julga conveniente perseverar no princípio: Disciplinar com justa recompensa.

Comunica que de madrugada um dos melhores homens abandonou a expedição (a realidade é muito difícil).

Madre Ugolina - .

O avião Queiros de manhã sobrevoa as malocas mas não consegue nada verificar, porque o tempo é mau e não há visibilidade. As 19,30 o DER-AM comunicou que na tarde o Padre tinha comunicado a mensagem e tinha avisado que as 21,30 falaria de novo.

3 - 1º - 2

Foram até ao DER-AM o Padre José Maria Rubatto, o Sr. Bezerra, 3 Irmãs e Sta. Fátima, secretária do Chefe do DNER . O Pe. José Maria não reconheceu sua voz no começo e até perguntou se era mesmo o Padre Calleri que falava e o Pe. confirmou. Madre Ugolina julgou isto efeito do cansaço, outros fruto de emoção. Não quis inicialmente dar nome do membro

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

que tinha abandonado a expedição quando Madre Ugolina perguntou, e esta se admirou porque achava que não havia razões para não dizer. Padre José Maria lhe fez a pergunta em italiano e então falou o nome, mas negou-se esclarecer o motivo.

Irmã Eustáquia cantou um breve canto em italiano e o Padre gostou, riu e comunicou que os índios estavam dizendo que Mamãe Manaus cantava bonito.

Logo em seguida disse que estava caindo uma chuva torrencial e que os índios estavam se recolhendo a maloca. Perguntado se ia demorar muito, respondeu: - Na floresta não se tem planos.

Padre José Maria e posteriormente o Sr. Bezerra aconselhavam a redigir mensagens mais curtas. Avisou que se era por perigo de falta de gasolina, tinham bastante. Só por estrago do aparelho, a coisa era certa.

Rádio operador do DER-AM 5,3 - 2º - 1

No dia 31 operou mais cedo (às 4,30) e não estava a postos. Depois a noite operou comigo, quando cheguei. Aí fez a correção de mensagem transmitida a tarde e telefonei a Madre Ugolina avisando que às 21,30 voltaria a falar. A noite às 21,30 voltou a falar quando Padre José Maria lá se encontrava. Estavam também 3 irmãs, a secretária do Dr. Altamiro. Os índios não falavam nesta noite. O Padre falou que os índios se retiraram por causa das chuvas. Estava também o Senhor Bezerra. Ninguém citou em nenhuma das vezes a presença de Alvaro na maloca da Esperança, nem ouvi nenhuma vez em contacto conosco (a sua voz).

6,8 - 2 - 1

16

Perguntei ao Sr. João porque ficaram 3 dias sem falar. João respondeu evasivamente, falou com o Padre e este respondeu: - Senhor Mineiro, aqui não programamos nada com antecedência. Sempre pode-se programar uma coisa de um modo para se resolver de outro. O fato ficou nisso e não disse mais nada. Ai concordou de avisar com antecedência. Não fez referências a viagens além do que o Padre fez dia 27. Não foi fornecida explicação sobre a não entrada da fonia nos três dias, nem falou em pane. 6 - 29 - 1

Numa das vezes o Senhor João me disse que o Padre não queria que se procurasse conseguir as cousas dos índios. Ele fez as trocas e guarda aqui o material. Mas ele não quer que se leve nada para Manaus. O dia que sairmos daqui, vai devolver tudo aos índios. Iremos levar só um cesto muito bonito que temos para lhe fazer presente. O Padre não queria o material dos índios.

Á L V A R O

No acampamento da maloca queimada houve vários incidentes entre o Padre Calleri e os índios: fotografia na cachoeira, o roubo e a ameaça (marupá) etc. Já tinha pedido ao Padre anteriormente abandonar a expedição, contando ao mesmo que estes índios já tinham morto muitos brancos e muitos tinham sido mortos pelos brancos. Avisei-lhe que em 3 dias teriam flexado a expedição. Tentei convencer meu compadre a me acompanhar. No fim aceitei de ficar guardando o acampamento até a volta deles, pois o Padre prometeu que no dia 8, ou no máximo dia 9 estariam de volta a Manaus.

Observação:

O Sr. Alvaro entre outras cousas tinha também documento escrito pelo Padre e devidamente assinado, autorizando, por conta da expedição, o embarque do mesmo em avião, que deveria ser pedido pela estação Rádiofonía do Campo de pouso de São Gabriel ^e que tinha ficado funcionando e dando apôio a expedição. Durante a viagem o Padre entrou em contacto com S. Gabriel pedindo informações e Alvaro estava ao par disto.

Dia 1º de novembro de 1968

Á L V A R O

Durante a noite tive um pesadelo: parecia que os meus companheiros estavam me chamando. De manhã voltei pelo caminho dos índios até a Maloca da Esperança, uns 25 ou 30 Kms., com muito medo. Ao chegar, mais ou menos às 16,30, havia silêncio e pensei que o Padre tinha viajado com os índios. Atravessei a clareira, vi um corpo junto a um tronco. Não sei se estava nu ou com camisa aberta. Fugi para o mato, e me escondi até chegar a noite, quando os índios não atacam. Fugi e em três horas, ou em três horas e meia alcancei a maloca queimada. Construí uma balsa, coloquei comida e uma espingarda e viajei toda a noite, todo o dia seguinte e outro dia também até alcançar o acampamento da Transcon. Durante a viagem pressenti os índios que me perseguiram, imitando o canto dos pássaros ou geitos dos animais.

O geólogo, Dr. Gilberto.

Nunca declarou ter visto corpos, ter fugido de noite, etc., nem declarou ter pressentido os índios na fuga. Disse que pediu ao Padre Calleri de desligar-se da expedição. O Padre insistiu para que permanecesse até determinado dia, ele não quis ficar e o Padre concordou sem poder lhe fornecer uma embarcação. Então preparou uma balsa e ~~desceu~~ . Dr. Gilberto diz que uma de suas dúvidas é se ~~Alvaro~~ Alvaro declarou ter visto os corpos depois de noticiado em Manaus para justificar a fuga, ou se quis esconder um fato por ele conhecido por ter algum motivo.

Ernani Ramon

Quando no fim de novembro chegamos à maloca

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

queimada, eu e mais dois companheiros, vimos o acampamento do Padre Calleri. A lona que cobria estava bem amarrada. O rio tinha crescido muito e no acampamento a água era alta m.1,50 . No girau dentro da água havia ainda um pouco de arroz, feijão e farinha dentro de sacos bem amarrados, com um nó bem feito. Não encontramos outras cousas. Recolhemos a lona para trazê-la.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

20
H

Dia 4 de novembro de 1968

Á L V A R O

No acampamento da Transcon deixei a balsa, que depois mostrei aos geólogos quando subimos de novo, e continuei a fuga com um casquinho que lá encontrei. Não fui até o campo de pouso de São Gabriel, onde tinha autorização de embracar de avião, porque tinha um pé um pouco machucado.

Observação: Indo a S. Gabriel, no dia 5 poderia estar em Manaus.

Valdemar - (Caçador) - 7-22-1

Eu, mais um companheiro, chegamos à maloca queimada na noite do dia 3 para o dia 4. Havia vestígios antigos que pensei ser de trabalhadores da estrada. Não vi acampamento do Padre Calleri. Sei mais ou menos que é a maloca queimada por informação e porque há um campo limpo, como que cultivado. Eu não sei quanto demoramos do acampamento da Transcon até a maloca queimada, porque não tínhamos relógio, mas me informaram os homens de lá que é umas duas horas acima da Transcon. No acampamento da Transcon havia bastante mercadoria, e estava no tempo, sem casa, coberto com lona velha e largura de três e a quatro metros. Não vimos barco, nem balsa, mas só rasto de gente. O acampamento fica no lado esquerdo de quem sobe.

Observação: O Valdemar está um ^u pouco confuso nesta parte e demonstra mais segurança depois. Acha que na noite de 3 para 4, no dia seguinte já alcança a boca do Uatumã.

Continuação de Valdemar - caçador - 0,9-22-2 . No mesmo

dia baixada chegamos na boca do Abonari, e aí encontramos dois homens na beira, preparando comida e que disseram ser fiscais de caça e pesca e que havia outros fiscais por aí (Não havia fiscais de caça e pesca na aquela região, durante aquele período). Na maloca queimada até o Abonari nós viajamos direto e acordados, também durante a noite. Continuamos a baixar três ou quatro dias sem parar. A gente demorou muito, mas iam devagar, sem remar muito. De noite iam arredando a a onça.

Ernani Ramon, fiscal de caça e pesca. No fim do mês de novembro passamos pelo acampamento do DER-AM e da Transcon . Na Transcon não havia a balsa e uma barca estava afundada no rio. No entanto duas horas e meia de motor acima do acampamento da Transcon havia grande balsa amarrada a beira .

Dia 9 de novembro de 1968

Valdemar (Caçador) 1,5 - 2º - 2

Depois de encontrar os dois fiscais de pesca, encontramos o Alvaro a uns 4 dias de baixada. Vinha na embarcação com um dos dois fiscais que tinham encontrado na boca do Abonari, que seria capaz de reconhecer se o visse. Alvaro disse que tudo ia bem, mas era cismado, porque o Padre Calleri era um pouco severo com os índios e que ia até a cachoeira do Meriti, para colocar uma placa, para impedir a subida de brancos. Depois de colocada a placa, iria voltar à expedição do Padre Calleri, para ficar mais um mês.

Foi aí que vi Alvaro pela primeira vez. Perguntou qual a distância da usina de Pau Rosa e eu disse que era um dia e meio de baixada.

Na canoa levava uma espingarda calibre 12 CBC, uma garrafa térmica e uma lona pequena verde e uns negócios em baixo. Acho que o cano da arma era normal. Nós ficamos aí e ele baixou.

A L V A R O

Tomei um barquinho pequeno no acampamento do Transcon e continuei a minha fuga. Naveguei muitos dias, até que uma cachoeira o barquinho virou e perdi tudo, até o remo. Só consegui salvar a espingarda. Quando quis atirar num pássaro, a espingarda espoucou. Pensei que se não encontrasse alguém nos próximos dois dias, morreria de fome. Perto da noite ouvia o arremêdo da onça. Eram os caçadores que me deram alimento e me disseram que estava subindo a embarcação de dois geólogos. Eles me recolheram.

23
[Handwritten signature]

Dia 12 de novembro

Dr. Gilberto - o geólogo.

Encontramos o Alvaro na Usina de PAU ROSA, no Igarapé Cai-tetú ou Nazaré. Disse que foram dois caçadores que o recolheram e o trouxeram até a usina. Disse que achava que a expedição ia ser massacrada e que por isto pedira ao Padre de desligar-se. Tinha saco azul de viagem, espingarda, bíblia, evangelho, rede de dormir e outras coisas. Vestia roupas da expedição. Ignoro a origem dos cortes de fazenda. Ha omissão, talvez por disinteresse, ou por querer esconder alguma coisa, ao referir-se aos caçadores que encontrou. Foram eles que o trouxeram até a usina de Pau Rosa. Parece quiz esse esconder o fato que foi conosco até o acampamento do DER:AM para mexer no material lá existente e que não tinha autorização de apossar-se daquilo. Veio de volta conosco com um saco de conservas, especialmente latas de leite, que distribuiu no caminho à população da beira. 3,5-1º-1

O fato que nos estranhamos nas declarações aos PARASAR foi o de nunca nos ter confirmado o massacre consumado, tanto que nos continuamos o serviço e ele nunca insistiu que retornássemos, que a região era perigosa, que os índios estavam próximos, etc. Tanto que nos entramos no Igarapé Santo Antônio ou Abonari até os acampamentos. Só declarava que tinha a impressão que a expedição ia ser massacrada.

O Alvaro sempre falava com grande admiração do Padre, pessoa maravilhosa, digna de admiração e que não renegava nenhum trabalho.

ERNANI RAMON

No Rio Uatumã ouvi dizer que no acampamento do DER-Am, onde havia muita coisa, todo o material foi levado embora. Ouvi dizer que a autorização estava sem assinatura. Só uma vez desceu um motor com quatro embarcações de três ou

24
H

quatro toneladas bem carregadas. Não sei que material conti-
nham. Na Usina de Pau Rosa ouvi dizer que o Alvaro, quando
chegou com o ~~fixax~~ caçador, quiz fretar uma embarcação pa-
ra ir buscar material no acampamento do DER-Am, mas não con-
seguiu. Depois de ter subido com os geólogos, quando voltou,
disse que agora não precisava mais de embarcação, porque ti-
nha vendido a sua parte e tinha dinheiro.

Dia 14 e 15 de novembro de 1968

O geólogo - Dr. Gilberto

O Paulo subiu conosco para ver parte do rancho que lhe fora prometido por indeterminado chefe de serviço e para acompanhar-nos, mas o mais era para ver o rancho (alimentos enlatados, e outros alimentos, dos quais havia muitíssimo no acampamento do DER-AM). Quando chegamos ao acampamento do Transcon, onde o Sr. Alfredo ia carregar o rancho que afirma lhe cedera como pagamento de serviço, o Alvaro disse que pretendia ir até a maloca queimada, onde o Padre Calleri tinha deixado a maior parte do rancho, porque o Padre tinha subido com pouca coisa. O Padre, para ir ao Alalauá devia voltar para buscar este material. Alvaro pediu um barco, para ir. Queria um barco pequeno, para viajar de noite, só com um companheiro, sem motor para não alertar os índios. Nós devíamos subir o Uatumã até as nascentes para terminar o nosso trabalho e ele ir pelo Igarapé Sto. Antônio. Na volta quem chegasse primeiro aguardaria no acampamento. Dizia que da maneira como encontrasse o material na maloca queimada saberia se a expedição fora massacrada, porque em caso de massacre os índios teriam descido para destruir tudo. Pediu também nossa embarcação para ir até lá, sem motor, com um companheiro enquanto nós aguardaríamos no acampamento da Transcon. Nós não aceitamos porque devíamos continuar nosso serviço. Mostrou a balsa uns 200 metros abaixo. Três ou quatro paus amarrados frouxamente, com girau atrás, onde ele vinha com dois cachorros. Na subida encontramos alguns pescadores e bastante caçadores, inclusive os que o haviam recolhido. O nome de um é Anísio, o outro é um mulato forte e simpático.

Anteriormente na cachoeira Morena havia uma embarcação maior de caçadores; estava vazia e os caçadores tinham subido para caçar.

Valdemar - (caçador) 2-2-2-

Alvaro desceu com o fiscal e voltamos a encontrá-lo enquanto subia. Eram duas embarcações, uma com motor Penta pequeno, com o Senhor Alfredo e um bocado de trabalhadores e outra com motor 28 HP, com o Senhor Raimundo, os geólogos e uma porção de homens. O Alvaro vinha no meio deles. Iam transportar mercadoria da Transcon, uns 3 milhões, que um Dr. tinha dado, ou, tinham comprado. Paulo aí não disse mais nada e eu censurei o homem, pensando que o Alvaro tinha feito uma trama com esta mercadoria. Pensei isto porque a mercadoria estava abandonada e o Alvaro ia fazer nesta mercadoria.

Na embarcação a motor do Senhor Alfredo havia duas canoas atravessadas. Uma delas foi a que o Alvaro tinha descido. O caçador que trouxe o Alvaro subiu e não voltou mais. Não sei aonde está .

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

24
[Handwritten signature]

Dia 19 de novembro de 1968

Valdemar Caçador

Não recorde bem o dia que vi de novo o Alvaro que descia com os geólogos e não me espantei, porque já imaginava que não teria ido de novo com o Padre, porque estava acostumado com os índios. Eu também vim com eles.

Na volta não falou mais nada da expedição. Eu disse para ele que o rádio estava falando da expedição e ele respondeu que sabia. Descemos com o Senhor Alfredo junto com o Alvaro. Ele conversava muito pouco. Dos outros que vinham no motor só sei a fisionomia, o nome não sei.

Na viagem só sabia que o Padre Calleri não tinha mais contacto e o Alvaro sabia. Eu vim saber dos corpos vistos na clareira só aqui em Manaus.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

Dia 22 de novembro de 1968

O Geólogo Dr. Gilberto

Terminada nossa missão até as nascentes do Rio Uatumã no dia 22 no paranã do Uatumã quebramos o eixo do motor e conseguimos um reboque .Foi nesta oportunidade que o rádio anunciou que o Parasar tinha visto um corpo na maloca.O Alvaro neste mesmo dia segredou que ele tinha visto um corpo na maloca.Não sei segredou antes ou depois do rádio descrever a fotografia.Eu ouvi uma descrição pelo rádio e depois da aquela pessoa falou para mim o que Alvaro lhe dissera.Perguntei ao Alvaro que deu a notícia quase como uma confirmação total,inclusive as mulheres.Esta confirmação,embora não categórica,fez com que se começasse a desconfiar que ele conhecia o assunto.

Caçador Valdemar

Não ouvi naquele dia o Alvaro falar que vira um corpo nem que o Parasar o tinha fotografado:vim saber em Manaus.Acho para mim que o Alvaro não tinha certeza que Padre Calleri estava morto,mas que o Padre tinha que ser massacrado,porque não tinha contacto com Manaus.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

29
JH

Dia 22 de novembro de 1968

O geólogo Dr. Gilberto.

Encontramos o Alvaro na Usina de Pau Rosa, no Igarapé Caititu ou Nazaré. Disse que foram dois caçadores que recolheram e trouxeram até a usina. Disse que achava que a expedição ia ser massacrada e que por isto pedira ao Padre de se desligar da expedição. Tinha saco azul de viagem, espingarda, bíblia, evangelho, rede e outras cousas. Vestia roupa da expedição. Ignorava a origem dos cortes de fazenda. Há omissão, talvez desinterêsse, ou por querer esconder alguma coisa, ao se referir aos caçadores que encontrou. Foram eles que o trouxeram a Usina de Pau Rosa. Parece que quiz esconder o fato que foi conosco até o acampamento do DER-AM para mexer no material lá existente, e que não tinha autorização para se apossar daquilo. Veio de volta conosco com um saco de conservas que distribuiu pelo caminho a população da beira. 3,5 - 1º - 1.

O fato que nós estranhamos nas declarações ao Parasar foi o de nunca nos ter confirmado o massacre consumado, tanto que nós continuamos o serviço e ele nunca insistiu que retornássemos, que a região era perigosa, que os índios estavam próximos, etc. Só declarava que tinha a impressão que a expedição ia ser massacrada. Tanto que entramos no Abonari sem preocupação até os acampamentos.

O Alvaro sempre falava com grande entusiasmo do Padre, pessoa maravilhosa, digna de admiração e que não renegava nenhum trabalho.

Ernsni Ramon

No Rio Uatumã ouvi dizer que no acampamento do DER-AM, onde havia muita coisa, caixa, todo o material foi levado embora com uma autorização que estava sem as-

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

30
H

sinatura. Só uma vez desceu um motor com quatro embarcações de três a quatro toneladas bem carregadas. Não sei que material continham. Na usina de Pau Rosa dizem queo Alvaro quiz fretar uma embarcação para ir buscar material no acampamento do DER-AM . Mas não conseguiu. Depois de ter subido com os geólogos quando voltou disse que agora não precisava mais de embarcação, porque tinha vendido a sua parte e tinha dinheiro.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

31
H

Dia 23 de novembro de 1968

O geólogo Dr. Gilberto

Chegamos em Itacoatiara às 7,00 hs. de manhã e Alvaro pediu logo ligação telefônica para o Jardim de Infância Adalberto Valle em Manaus.

O pagamento da passagem do Alvaro é termo relativo: nos alugamos um barco para rebocar a nossa embarcação, na qual ele também estava.

Durante a viagem demonstrou muito interesse em saber notícias do Padre Calleri.

Valdemar Caçador 4 - 2ª - 2

Em Itacoatiara nos separamos.

Alvaro foi de avião da Fab e eu de ônibus. Ele não me disse, mas o filho do dono do motor (Alfredinho) me disse que o Alvaro o encarregou de cuidar dos objetos dele, que guardasse isso para ele e que as entregasse mais tarde em Manaus, onde os receberia. O rapaz ficou com os objetos do Alvaro até arrumar o motor e seguir viagem porque o eixo estava quebrado. Não foi o Alvaro que me disse, mas o filho do dono do motor.

No Parasar

Alvaro descreve a sua fuga e confirma com segurança que a expedição está massacrada. Não demonstra mais dúvidas, mas certeza.

Marlene

Marlene Machado - Casa Paroquial de Sta. Luzia.

1 - 2 - 1 - Observação: Após o depoimento no Saz o Alvaro pediu de não ir para casa, para livrar-se da curiosidade dos vizinhos e da perseguição dos jornalistas. Secretamente foi transferido para a residência do Vigário Sta. Luzia.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Sillos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

32

Enquanto Álvaro estava sentado a mesa, Padre Silvano Sabatini telefonou a um Padre amigo confirmando o massacre do Padre Calleri e pedindo para o ajudar a dar assistência aos parentes das vítimas.

"Eu não conhecia o Álvaro. Na noite em que chegou na casa canônica ele me disse que Padre Calleri tinha morrido no dia 1º . O Senhor Padre Silvano estava telefonando para um amigo, acho que era Padre e dizendo para ele que o Padre tinha morrido. O Álvaro disse para mim que era verdade e que o Padre tinha morrido dia 1º de novembro "

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

33
M

Dia 25 de novembro de 1968

O jornalista Domingos Sávio da "Crítica" de Manaus, vai até Itacoatiara e recolhe no "Alfredinho" os pertences de Alvaro. O jornal a "Crítica" acusa o Alvaro de mentira. Entre os pertences de Alvaro havia alguns objetos da expedição que desmentiam o naufrágio, e ~~mais~~ ainda mais 13 saquinhos de minerador para coleta de amostras, anotações recortes minereológicas, e um documento não assinado com data de: Manaus, 4 de novembro de 1968, autorizando a retirada do material de propriedade do DER-AM, Km. 212 da Br. 174 - exatamente o material do qual o Alvaro declarava, conforme testemunhas, ser dono de uma parte.

Outros documentos provavam que o Alvaro estava em má situação econômica de algum tempo para cá.

O Alvaro por sua vez, que não previa de ser requisitado para fazer parte dos trabalhos de recuperação dos corpos e de ser transferido para Moura, daquela localidade ⁱ enviou ao Senhor Fausto, única pessoa com a qual falou longamente também na Casa do Padre de Santa Luzia, uma mensagem interceptada pelo SAR do seguinte teor, aproximadamente:

Fausto - Receba a tartaruga e a encomenda e pague o frete. Receba também 400 cruzeiros novos do Mocinho. Ele é o mesmo que visitou nossa casa no mes passado.

Acho útil assinalar que o material do acampamento Km. 212 do DER-AM era mesmo que o DER-AM julgou antieconômico recuperar ao suspender os trabalhos da estrada e que fora doado ao Padre Calleri logo antes do ~~início~~ início da expedição, tirando ao Padre Calleri a preocupação de ~~transportar~~ transportar material de Manaus, conforme o Padre estava pensando fazer.

Instituto Missões Consolata

Rua D. Domingos de Silos, 110
Caixa Postal 12.156
São Paulo - 14 - Capital

34
✍

A quantidade de material, especialmente enlatados e alimentos era muito grande e de grande valor. Esta informação foi fornecida ao Padre Silvano Sabatini pelo Padre Calleri no dia 16 de outubro, após a volta inesperada e um tanto misteriosa do mesmo a Manaus, onde permaneceu 5 dias sem razões evidentes, enquanto os componentes da expedição o aguardavam no mesmo acampamento do Km. 212, a margem do Igarapé Sto. Antônio.

Apêndice Nº 1

O Alvaro não viu um corpo na maloca, porque um exame do seu depoimento a luz da psicologia afasta qualquer possibilidade de realismo na sua descrição. Ele é um homem minucioso nos detalhes e com notável espírito de observação. Todo seu depoimento está cheio de pormenores.

No entanto ao ver cadáver na maloca, ele nem sabe sequer esclarecer se o cadáver está nu, ou com camisa aberta.

Se tivesse sofrido um trauma da cena, teria fixado violentamente os detalhes e teria demorado repetidas vezes para descrevê-los .

Contudo Alvaro parece estar conhecendo o destino trágico dos seus companheiros, e vai revelando gradualmente.

Ao caçador diz que vai a cachoeira para colocar uma placa por ordem do Padre Calleri.

Aos geólogos informa que acha que a expedição vai ser massacrada. No dia 22 ainda em forma de dúvida, após a informação fotográfica do Parasar, comunica a notícia que tem característica de confirmação total, sem excluir as mulheres. Ao Parasar declara com segurança que todos estão massacrados. A Marlene Machado confirma a informação e fixa a data: 1º de novembro. Durante as buscas na Maloca queimada, ao ser provado que a fotografia não representava um corpo, continua afirmando que o massacre se deu aí. Ao chegar ao acampamento da expedição onde se deu o massacre, declara que os corpos devem estar aí e que "talvez os índios amarraram a uma pedra ao pescoço e os lançaram ao rio". Perguntado porque sabia, disse: "Intuição".

Apêndice Nº 2

A forma como foi realizado o massacre parece surpreendente. - A expedição tinha objetos que em tese não poderiam despertar o interesse dos índios e que desapareceram. Surpreende a técnica do massacre. Em nenhum outro caso de massacre conhecido, parece se terem comportado da mesma maneira. Sempre estes índios atacaram com flexa cuja ponta é de metal, e que fabricam com facões fornecidos pelos brancos em trocas comerciais. O presente mais apreciado por eles são limas para ferro. Apreciam muitíssimo até qualquer pedaço de ferro que possa ser transformado em ponta de flexa, sem ser necessário recorrer a metalurgia, que desconhecem.

É evidente, também com base em ataques anteriores, que o primeiro ataque foi com flexas. Surpreende que todos os componentes tenham recebido de uma a 4 flexas na mesma homoplata, alguns na homoplata direita, outros na esquerda. É uma coincidência que surpreende. Quatro levaram também sinal evidente de flexada no isquio.

Se o ataque não tivesse sido iniciado com flexas, poder-se-ia duvidar que os índios tenham sido os autores.

Surpreende também o fato que todos receberam violentas pancadas na cabeça.

Surpreende o fato, que parece não ter precedente entre os Atroaris, de terem transportado uns cadáveres e arrastado outros para o único local mais afastado.

Juliano Sabatini

Il testo è stato redatto per queste ragioni:

- 1° Per sostenere cronologicamente sia le cose informazioni personali, sia i documenti, che rifanno le testimonianze avendo con una visione professionale globale.
- 2° Vedere se avevo fatto tutto il possibile per scoprire la verità.
- 3° Pensare se restava ancora qualcosa da fare, sempre come rischi personali troppo gravi. Infatti un persona del legato al servizio segreto dell'Esercito, non ricordo bene se il 22 o il 23 dicembre, fido per me per venire ore davanti la notte nella sua residenza, avvertendomi generosamente un ca molto forte e con insistenze perché smettessi di fare ricerche.

Affermazioni

- Ormai lei Padre è convinto che il Padre è "innocente".
 - Non riuscirà mai a scoprire la verità.
 - Ha dimostrato notevole sensibilità nel non insistere a ricercare in una direzione quando trovava "resistenza".
 - È ora che smetta di "CORRERE RISCHI".
- Il senso delle penne è evidente.

Il documento è in due copie, di cui una da me rubricata e numerata in data 21-aprile 1978

Alvaro Sabatini